



## **Inumeráveis: narrativa humanizada sobre vítimas da Covid-19 no Brasil**

**Renato Essenfelder<sup>1</sup>**  
**Emílio Sant'Anna<sup>2</sup>**

Universidade Fernando Pessoa  
ESPM-SP

**Resumo:** O trabalho aplica a metodologia da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística para analisar textos do projeto *Inumeráveis*, que se propõe a publicar textos breves que homenageiam as vítimas da Covid-19 no Brasil. Foram mapeadas as estratégias de *subjetivação* e de *objetivação* presentes nos relatos do *Inumeráveis* para compreender melhor como se dá o processo de humanização dos relatos, considerando que a proposta do projeto é a de produzir um conteúdo fora do padrão da grande mídia, que acaba por se concentrar mais nos aspectos mais gerais da doença e de seus efeitos no país e no mundo. Embora a amostra seja reduzida para conclusões mais assertivas, aponta-se que o forte investimento em recursos subjetivantes, obtidos por meio da narração direta de pessoas próximas às vítimas, é responsável pela humanização pretendida e pelo sucesso do projeto, que ganha destaque no maior canal de TV aberta do país.

**Palavras-chave:** Inumeráveis. Narrativa humanizada. Covid-19. Jornalismo narrativo. Perfis.

### **1. Jornalismo em tempos de pandemia**

A pandemia do coronavírus SARS-CoV-2, que se alastra pelo mundo desde ao menos o final de 2019 e cujo ápice ainda é difícil de estimar, provocou, até o dia 26 de julho de 2020, um número total de 648 mil mortes (JOHNS HOPKINS, 2020, online). Embora ainda se saiba pouco sobre o funcionamento específico desse novo vírus, a ca-

---

<sup>1</sup> Jornalista, professor da Universidade Fernando Pessoa (Porto, Portugal). Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: renatoessenfelder@gmail.com.

<sup>2</sup> Jornalista, repórter da Folha de S.Paulo. Mestre em Produção Jornalística e Mercado na ESPM-SP. E-mail: emiliosantanna@gmail.com.

tegoria à qual ele pertence já é conhecida pela ciência ao menos desde os anos 1960 (NATURE, 1968). O nome “coronavírus” é atribuído em função da aparência do vírus: uma microesfera coberta de espículas de proteína que fazem lembrar uma coroa. Trata-se de um vírus de RNA positivo que “majoritariamente, afeta animais, sendo que em humanos são conhecidas sete variedades” (DE TROI, QUINTILIO, 2020, online).

Das variedades que afetam humanos, cinco foram detectadas no Brasil (incluindo o novo coronavírus), porém nenhuma delas foi tão devastadora quanto o SARS-CoV-2. Aliás, quanto à letalidade da Covid-19 – nome oficial da doença provocada por essa variedade do vírus –, convém notar que, embora a taxa de mortes seja relativamente baixa, na casa dos 2%, segundo os dados disponíveis, sua extraordinária capacidade de contágio é responsável por lotar unidades hospitalares de terapia intensiva e provocar milhares de óbitos diariamente no mundo (DE TROI, QUINTILIO, 2020, online).

No Brasil, a taxa média superior a 1.000 mortes por dia se manteve relativamente estável durante todo o mês de julho (JOHNS HOPKINS, 2020, online).

Como resultado do fato de o vírus ser novo, o noticiário associado a ele naturalmente traz mais dúvidas do que certezas. Questões como os mecanismos de transmissão de pessoa para pessoa, a eficácia dos variados tipos de máscaras, a sobrevivência do vírus em superfícies variadas, a possibilidade de recontaminação, o desenvolvimento de sintomas mais ou menos graves, entre dezenas de outras, ainda estão em aberto.

Depois de reconhecer uma série de erros na condução da grave crise de saúde pública global, a Organização Mundial da Saúde (OMS) tem sido mais cautelosa em seus comunicados sobre o SARS-CoV-2. Nesse cenário, multiplicam-se canais de propagação de desinformação – com o agravante de que, no Brasil, o governo federal resiste ao reconhecimento da gravidade da pandemia e seu presidente, Jair Bolsonaro, é considerado o pior líder mundial na resposta ao coronavírus (THE GUARDIAN, 2020, online). Essa resistência acaba por estimular a desinformação: se o próprio chefe do Executivo já disse se tratar de “gripezinha” (O GLOBO, 2020, online), já fez propaganda explícita do medicamento Cloroquina, cuja eficácia foi descartada em inúmeros estudos científicos recentes (BBC, 2020, online), e aparece em público sem máscara mesmo após ter anunciado que foi infectado pelo vírus, seus apoiadores, e outros agentes de desinformação com agendas políticas próprias, veem-se estimulados a propagar todo tipo de

informação não comprovada. Só a página oficial do Ministério da Saúde brasileiro trazia, a 27 de julho de 2020, 84 conteúdos classificados como “fake news” relativos ao novo coronavírus (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020, online). Segundo a presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), Maria José Braga, “o Brasil é um dos países mais afetados pela indústria da mentira” (IAQUINTO, 2020, online).

Ante uma pandemia que já ceifou mais de 90.000 vidas de brasileiros de março a julho de 2020, aliada à desinformação, ao descaso e ao desconhecimento científico dos mecanismos do novo coronavírus, a mídia brasileira assume ainda mais relevância como portadora de informação confiável em meio às trevas da desinformação.

Note-se ainda que a crise do coronavírus diminuiu a atividade econômica global, e as estimativas de crescimento do PIB para 2020 são negativas em praticamente todos os lugares atingidos. Como consequência, caíram os investimentos em publicidade na mídia tradicional – fenômeno que já era recorrente nos últimos anos – e mesmo na mídia digital.

No Brasil, praticamente todos os veículos jornalísticos impuseram reduções de salário ou mesmo demissões para enxugar custos (PÚBLICA, 2020, online). Enquanto isso, repórteres envolvidos na cobertura do novo coronavírus arriscam a saúde e sofrem constantes agressões e assédio de negacionistas em geral. Criou-se assim um ambiente especialmente desafiador em que menos jornalistas têm de trabalhar mais, sob piores condições, para cobrir esta que é a maior crise de saúde pública global do século.

Soma-se a isso o desafio narrativo, que, apesar de não ser novo, manifesta-se com clareza durante crises como a atual, em que a avalanche de informações e a constância das mortes embute o risco de naturalização da tragédia e de desumanização dos relatos – afinal, quando a conta diária de mortos por Covid-19 ultrapassa as mil pessoas, torna-se praticamente impossível manter uma cobertura “humanizada”.

Tendo em vista a dificuldade de a grande mídia manter a cobertura macro, econômica, política, sanitária e biográfica no ritmo demandado, abordagens alternativas ao noticiário *mainstream* ganham destaque. É o caso do projeto multiplataforma “Inumeráveis”, cuja proposta e narrativas analisaremos a seguir.

## 2. Narrativas humanizadas

Há algo de pleonástico na expressão “narrativa humanizada” ou no ato de “humanizar” uma narrativa; afinal, o Homem é, até onde sabemos, o único ser vivo capaz de narrar – portanto, todas as narrativas são intrinsecamente humanas. É precisamente essa qualidade, aliás, que, segundo pensadores contemporâneos (HARARI, 2015) conferiu ao *Sapiens* a supremacia entre os demais seres que habitam o planeta Terra.

Não obstante, a expressão “narrativa humanizada” tem valor pedagógico ao estabelecer uma distinção, ainda que imperfeita, entre histórias que ressaltam o protagonismo humano e histórias que enfatizam aspectos “macrossociais”, de caráter econômico, sanitário, epidemiológico etc., sem maior atenção ou compreensão ao nível das tragédias pessoais.

É uma distinção importante quando consideramos, ainda, que os manuais de redação jornalística tradicionalmente enfatizam uma visão tecnicista, muitas vezes tentando eliminar do texto noticioso o seu caráter narrativo, definindo a notícia como “relato objetivo dos acontecimentos”. Nesse sentido, Motta afirma que os livros técnicos “insistem que o jornalismo é o lugar da racionalidade e da objetividade, onde deve evitar-se não apenas a opinião e os pontos de vista de quem escreve, mas também toda implicatura de qualquer insinuação poética ou metafórica” (MOTTA, 2013, p. 25).

Mas a dimensão narrativa dos milhares de textos produzidos diariamente por jornalistas ao redor do planeta permanece lá, “afinal, redigir uma notícia é uma experiência criadora, ainda que as cartilhas técnicas por vezes tentem esvaziar essa questão” (ESSENFELDER, 2017, p. 189).

No que diz respeito especificamente à concepção “humanizada” da narrativa, Ijuim e Sardinha (2009, p. 174) consideram que “o jornalismo humanizado sintetiza uma abordagem que proporciona ao jornalista uma visão mais ampla de consistência aos seus fazeres”. Cientes da redundância da expressão, escrevem:

Pretendemos com estes termos abranger noções que representem alternativas palpáveis ao processo jornalístico. Por que alternativas, se tratam da busca da própria essência do jornalismo? E por que humanizado se o jornalismo é uma forma de construção social? Porque entendemos

que o cientificismo induziu editores e jornalistas a aceitarem modelos racionalistas para seus fazeres. E esses modelos têm ‘embaçado’ nossa visão sobre a raiz: compreensão de mundo. Os modelos racionalistas, integrados à visão simplificadora e fragmentária do cientificismo, justamente têm provocado a maioria dos equívocos a que chamamos de ‘meias verdades’. E, por isso mesmo: Esta redundância é necessária! (IJUIM; SARDINHA, 2009, p. 174)

O debate sobre a humanização da cobertura do novo coronavírus – e em especial das mortes provocadas pela Covid-19 – assume caráter político urgente quando se considera o cenário de desinformação e de descaso com o qual importantes autoridades públicas enfrentam a situação. Dar nome e sobrenome das vítimas se tornou mais do que informar: trata-se de uma atitude política que reforça a gravidade da doença e a necessidade de enfrentá-la com empenho e transparência.

Nesse sentido, o telejornal mais tradicional do país, o “Jornal Nacional”, levou o ar editorial contundente em 20 de junho de 2020, lido pelos apresentadores e editores William Bonner e Renata Vasconcellos. O texto coincidiu com um marco: o país havia acabado de ultrapassar a marca dos 50 mil mortos de Covid-19. Os âncoras disseram que “a história vai registrar aqueles que se omitiram, os que foram negligentes, os que foram desrespeitosos. A história atribui glória e atribui desonra” (JORNAL NACIONAL, 2020, online). Os jornalistas prosseguiram, revezando-se na leitura do editorial:

É um marco trágico na pandemia. Mais de 50 mil mortes. 50 mil. Uma nação se define como a reunião de pessoas que compartilham sentimentos, afetos, laços, cultura, valores, uma história comum. Empatia é a capacidade que o ser humano tem de se colocar no lugar do outro, de entender o que o outro sente. Uma nação chora os seus mortos, se solidariza com aqueles que perderam pessoas queridas. Cinquenta mil. Diante de uma tragédia como essa, uma nação para ao menos um instante e respeita tantas vidas perdidas. E é o que o Jornal Nacional está fazendo agora diante destes rostos que nós temos perdido desde março. (JORNAL NACIONAL, 2020, online)

Outro veículo tradicional da imprensa brasileira, a Folha de S.Paulo estreou, em abril, uma página eletrônica intitulada “Aqueles que Perdemos”, contendo inicialmente 125 textos biográficos de famosos e anônimos vitimados pela pandemia. “O leitor encontrará histórias de pessoas famosas, como Aldir Blanc, Daniel Azulay e Paulinho

Paiakan, e de desconhecidos, vítimas da pandemia que infectou milhões e matou milhares de pessoas em 2020”, anuncia o site (FOLHA DE S. PAULO, 2020, online). Há irregularidade de padrão, formato, extensão e abordagem nos textos: desde relatos mais aprofundados, que compõem verdadeiros perfis, até notas taquigráficas feitas a partir de informações publicadas em redes sociais.

Apesar dos visíveis esforços para não reduzir a cobertura à contabilidade mórbida de vítimas, esses veículos – e outros, como “O Estado de S.Paulo”, “O Globo”, UOL etc. – raramente conseguem ir além de um modelo engessado de jornalismo preconizado por seus manuais de redação, que limita a criatividade narrativa e autoral dos jornalistas.

Nesse sentido, interessa-nos direcionar a análise para uma iniciativa independente lançada em abril, o projeto multiplataforma “Inumeráveis”, que encontrou outra maneira de homenagear vítimas da Covid-19 no país e, também, marcar uma posição política.

### 3. O PROJETO INUMERÁVEIS

A plataforma colaborativa “Inumeráveis” “é um memorial dedicado à história de cada uma das vítimas do novo coronavírus no Brasil” (INUMERÁVEIS, 2020)<sup>3</sup>. O projeto – que também está nas redes sociais Instagram e Facebook, além de ter originado um quadro no programa Fantástico, da TV Globo – foi lançado em 30 de abril, quase dois meses após os primeiros casos da doença no país.

A iniciativa é do artista plástico Edson Pavoni e do empreendedor social Rodrigo Oliveira. “Não há quem goste de ser número. Gente merece existir em prosa” são as duas primeiras frases no site do projeto, que é aberto à participação de voluntários – na redação e revisão dos textos – e de familiares das vítimas, que incluem os dados e uma breve descrição da vida da pessoa.

A plataforma recebe duas formas de colaboração: voluntários podem se inscrever para escrever a história de uma das vítimas, enviada por amigos ou parentes que preenchem um formulário com as informações que darão origem a esse texto.

Até o final de julho<sup>4</sup>, eram 2.989 perfis registrados no site de “Inumeráveis”. O formato desses textos é híbrido, não se prendendo a regras rígidas da comunicação jor-

---

<sup>3</sup> Disponível em <https://inumeraveis.com.br/>. Acesso em 4 jun. 2020.

<sup>4</sup> Disponível em <https://inumeraveis.com.br/>. Acesso em 30 jul. 2020.

nalística. Os textos não aspiram ser uma breve biografia, mas sim uma homenagem com elementos da vida e da personalidade da vítima fornecidos ou mesmo narrados a partir da visão de alguém de seu círculo de relações: amigos e familiares. O projeto forma assim um caleidoscópio textual que, analisado em perspectiva, compõe um retrato maior dessas vítimas.

No Instagram, essa perspectiva é ainda mais evidente. Cada uma das histórias, dispostas lado a lado, traz apenas um excerto em destaque, conferindo de forma mais direta tanto a noção de fragmentação quanto de temática.

Os textos têm os créditos dos colaboradores (editores, revisores, apuradores, checa-dores), um exemplo de construção textual coletiva, assemelhado ao modelo de produção tradicional dos textos jornalísticos.

Considerando, junto com os próprios idealizadores do perfil, que a humanização dos relatos é um fator-chave para o sucesso da iniciativa, este trabalho busca compreender como se articula o aspecto da humanização no “Inumeráveis”, apoiando-se para tanto na metodologia descrita por Motta (2013).

#### **4. NOTA METODOLÓGICA**

Para desvendar as estratégias narrativas “humanizantes” em ação, analisamos uma breve amostra de postagens do perfil “Inumeráveis” a partir da perspectiva de sua narrativa textual. Segundo Canavilhas (2014), o texto é o elemento mais utilizado no webjornalismo por questões históricas e econômicas, e por ser a imprensa escrita a referência do jornalismo na internet.

O modelo escolhido é o da Análise Pragmática da Narrativa (MOTTA, 2007). A metodologia proposta por Motta compreende seis passos: 1) recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico (em séries de reportagens, por exemplo); 2) identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios/capítulos; 3) análise das personagens jornalísticas (no nível discursivo); 4) análise de estratégias comunicativas; 5) estabelecimento da relação comunicativa e o “contrato cognitivo”; e 6) identificação dos significados de fundo moral ou fábula da história.

Esse percurso permite que a retórica jornalística seja identificada a partir das marcas textuais, e compreendida a partir dos efeitos que pretende suscitar.



Assim como o próprio Motta sugere, cabe ao autor a escolha das etapas de seu método a serem utilizadas da forma que melhor couber ao estudo do objeto em questão. No caso das narrativas aqui analisadas, tendo em vista nossa questão-problema, que pode ser resumida em “quais são os recursos e estratégias empregados pelo perfil Inumeráveis para humanizar os relatos das vítimas da Covid-19 no Brasil?”, posto que a humanização é considerada peça-chave de seu sucesso, atemo-nos ao passo *análise das estratégias comunicativas*, com especial atenção a dois grandes grupos, a saber: elementos de *objetivação* e de *subjetivação*.

A escolha se ancora no trabalho de Motta (2013) e em experiências derivadas (ESSENFELDER, 2017). A partir de considerações desses autores, definimos os recursos mencionados na Tabela 1 como marcadores de *objetivação* e de *subjetivação* a serem realçados.

**Tabela 1 - Estratégias de objetivação e de subjetivação, marcadores**

<b>Estratégias de objetivação</b>	<b>Marcadores textuais</b>
Citação em aspas	Recurso amplamente utilizado na narrativa jornalística que confere ao leitor a identificação de verossimilhança ao emprestar a voz da personagem ao texto.
Estatísticas e didatismo	Prática também largamente empregada para a contextualização dos acontecimentos narrados dentro de uma lógica maior à qual o fato se subordina.
Instituições	Visando um lastro de objetividade, o texto jornalístico recorre com frequência ao uso de elementos, sejam eles estatísticos ou discursivos, baseados na divulgação ou confirmação de informações de instituições. Essas podem ser oficiais, como governos, institutos, universidades, ou não oficiais, como ONGs, por exemplo.
<b>Estratégias de subjetivação</b>	<b>Marcadores textuais</b>
Descrição pormenorizada de cenas, ambientes e personagens	Revela a intenção do narrador de criar determinadas reações por meio do uso de elementos como figura de linguagem e também da descrição de uma realidade que só pode ser acessada por meio dele
Ênfase e intensidade	Recurso de expressão que ressalta determinadas características ou situações, visando causar no leitor efeitos como surpresa, apreensão, atenção, entre outros
Verbos e expressões de sentimento	Marcas de estratégia de subjetivação que revela



	características e estados emocionais da personagem capazes de criar empatia e identificação no leitor
--	---

Fonte: ESSENFELDER, 2017

## 5. INTERPRETAÇÃO DE DADOS E RESULTADOS

Considerando as limitações de tempo e de espaço para este artigo, selecionamos aleatoriamente três textos publicados em *Inumeráveis* para análise. Segundo Yin (2001), a análise de dados é o exame, a categorização e a classificação, ou até mesmo a recombinação das evidências de acordo com as proposições iniciais da pesquisa. Essa fase é crucial para a pesquisa, já que a falta de rigor na análise pode comprometer o esforço prévio de levantamento bibliográfico e ainda contaminar as conclusões da pesquisa.

A seguir apresentamos três textos de “*Inumeráveis*” e procedemos a uma análise inicial de cada um deles em relação as suas características objetivantes e subjetivantes.

Texto #1

Abadia de Fátima Alves

1957 – 2020

Era a doçura no olhar, no coração e na vida de todos.

A família era a sua maior paixão. Gerou duas pessoas incríveis: Hainalle e Marcos Henrique. O genro era como se fosse um terceiro filho.

Sempre dizia à filha: "Quando você nasceu, eu soube o que era a felicidade". É impossível dimensionar a alegria que isso proporcionava aos filhos e, sobretudo, o quanto sentiam-se amados pela mãe. Eram todos muito unidos e, talvez por isso, nunca deixaram de dizer a ela o quanto era amada e o quanto era especial. Não tinha como não amar alguém como ela!

Ser avó foi, definitivamente, o seu grande papel na vida e o que a fez mais feliz. Quando sua Ísis nasceu, ficou maluca de felicidade. Dedicou-se muito à neta, sempre.

Ninguém imaginava que, de uma hora para a outra, seu esposo Abnelio perderia aquela que foi sua companheira por trinta e três anos, a companheira de uma vida inteira de amor. Agora, todos estão se sentindo órfãos.

Era a pessoa mais generosa e preocupada com o próximo de que se tem notícia. Era também uma incansável defensora dos animais. Amava todos os bichinhos e sempre ajudava aqueles que estavam abandonados pelas ruas. Abadia tinha quatro cães.

Como serva de Deus que era, está com Jesus, no Paraíso, mas isso não diminui em nada o tamanho do buraco no peito de todos que com ela conviveram.

Como mãe e filha faziam tudo juntas, era como se fossem uma só pessoa e, agora, a filha terá que seguir sozinha, com as dificuldades de viver em um mundo sem ela. O que acalenta um pouco o coração é a gratidão em ter tido seu anjo, emprestado por Deus, por trinta e um anos.

Abadia era portadora de um linfoma de Burkitt, totalmente curável, e sua partida, por outra doença, deixa a filha inconsolável.

Abadia era mãe de alguém, era avó de alguém, era esposa de alguém. Abadia era o amor de alguém.

Ainda que sigam transformando pessoas em números, sua alegria, seu jeito carinhoso e sua energia positiva permanecerão vivos e latentes, eternamente. Abadia nasceu em Itapirapuã (GO) e faleceu em Brasília (DF), aos 63 anos, vítima do novo coronavírus. (INUMERÁVEIS, 2020, online)

Para auxiliar na sistematização da análise, elaboramos um quadro enumerando as estratégias de subjetivação e de objetivação presentes em cada exemplo coletado, como ilustra a Tabela 2, a seguir.

**Tabela 2 - Estratégias de objetivação e de subjetivação, texto #1**

<b>Tipos de objetivação</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Exemplo</b>
Citação em aspas	1	"Quando você nasceu, eu soube o que era a felicidade"
Estatísticas e didatismo	1	Abadia nasceu em Itapirapuã (GO) e faleceu em Brasília (DF), aos 63 anos, vítima do novo coronavírus
Instituições citadas	Nenhuma	
<b>Tipos de subjetivação</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Exemplo</b>
Descrição de cenas, ambientes e personagens	1*	Abadia era mãe de alguém, era avó de alguém, era esposa de alguém. Abadia era o amor de alguém. Ainda que sigam transformando pessoas em números, sua alegria, seu jeito carinhoso e sua energia positiva permanecerão vivos e latentes, eternamente.
Ênfase e intensidade	11	É impossível dimensionar a alegria que isso proporcionava aos filhos e, sobretudo, o quanto sentiam-se amados pela mãe. Eram todos muito unidos e, talvez por isso, nunca deixaram de dizer a ela o quanto era amada e o quanto era especial. Não tinha como não amar alguém como ela!
Verbos e expressões de sentimento	18	Ainda que sigam transformando pessoas em números, sua alegria, seu jeito carinhoso e sua energia positiva permanecerão vivos e latentes, eternamente.

No caso do texto 1, quanto às estratégias de objetivação, nota-se a presença discreta de elementos tipicamente associados à prática da construção do texto jornalístico. Há apenas uma citação em aspas e o didatismo se resume aos locais de nascimento e morte da personagem retratada.



O resto do texto se dedica à construção da personagem, com o uso abundante de recursos de subjetivação. “Ênfase e intensidade” e “verbos e expressões de sentimento” são a tônica do texto. Essa última classe, com 18 ocorrências, destaca-se mais do que os outros recursos de construção da personagem e é o recurso mais utilizado para gerar no leitor reações como empatia, familiaridade e compaixão. Todos esses recursos, e as reações por eles geradas, fazem do texto uma construção “humanizada” ao estimular a nossa empatia.

Texto #2

Ana Carolina Guimarães dos Santos

1981 – 2020

A alegria dos encontros, mãe em primeira pessoa. Por amar estar viva, era uma promotora de sorrisos.

Apaixonada pelas filhas, Mariana e Maria Eduarda, tinha enorme apreço pela vida, pelos momentos partilhados com os amigos e com a família. As comidinhas especiais, que tanto podiam ser um vatapá como um belo sashimi, davam sabor a esses encontros; assim como um bom drinque de vodca com suco, desde que não fosse suco de goiaba, que ela detestava.

Provocava risos, mesmo nos momentos mais difíceis; tinha esse talento de encher de alegria os espaços do tempo compartilhado com os seus.

Foi uma guerreira incansável, sem perder, no entanto, a difícil arte de tratar com bom humor os percalços e as armadilhas da vida.

Dedicou seu tempo a tratar com amor as pessoas idosas. E seu sonho era cuidar da irmã mais velha na idade mais madura, quando, segundo ela, Danielle daria um bocado de trabalho porque certamente seria “uma velhinha muito doida”.

É possível que tenha partido numa nave, feito aquela do filme Cocoon, para uma estrela muito, muito distante, onde o tempo não vai mais correr e ela poderá ser, para sempre, essa moça alegre que viverá eternamente no coração daqueles a quem proporcionou tanto contentamento.

Ana nasceu Rio de Janeiro e faleceu Rio de Janeiro, aos 38 anos, vítima do novo coronavírus. (INUMERÁVEIS, 2020, online)

Vejamos a seguir a sistematização de ocorrências no texto 2.

**Tabela 3 - Estratégias de objetivação e de subjetivação, texto #2**

<b>Tipos de objetivação</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Exemplo</b>
Citação em aspas	1	“uma velhinha muito doida”.
Estatísticas e didatismo	1	Ana nasceu Rio de Janeiro e faleceu Rio de Janeiro, aos 38 anos, vítima do novo coronavírus.
Instituições citadas	0	
<b>Tipos de subjetivação</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Exemplo</b>
Descrição de cenas, ambientes e per-	1	É possível que tenha partido numa nave,

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo  
18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo  
3 a 6 de Novembro de 2020



sonagens		feito aquela do filme Cocoon, para uma estrela muito, muito distante, onde o tempo não vai mais correr e ela poderá ser, para sempre, essa moça alegre que viverá eternamente no coração daqueles a quem proporcionou tanto contentamento.
Ênfase e intensidade	4	Foi uma guerreira incansável, sem perder, no entanto, a difícil arte de tratar com bom humor os percalços e as armadilhas da vida.
Verbos e expressões de sentimento	9	Provocava risos, mesmo nos momentos mais difíceis; tinha esse talento de encher de alegria os espaços do tempo compartilhado com os seus.

Mais uma vez, os elementos de objetivação aparecem pouco. Apenas uma citação em aspas e, novamente, apenas os locais de nascimento e morte da personagem aparecem como elementos dêiticos que referenciam a personagem no tempo e no espaço de didatismo. Elementos de subjetivação, por sua vez, são a tônica do texto.

Texto #3

Carlos Henrique Neves de Azeredo  
1951 - 2020

Carlão fazia amigos por onde andava no Rio e orgulhava-se da família grande que construiu.

O Carlos ou o Carlão fazia amigos por onde andava no Rio. “Não havia como encontrá-lo sem abraçá-lo e beijá-lo”, lembra a enteada Julia Espindola.

Sua vida ganhou mais alegria aos seis anos quando a mãe, Vera, se uniu a Carlão. E aí, como agregar pessoas era um dom incrível de seu padrasto, a família foi só aumentando. Vieram também Tatiana e Marcelo Neves, filhos do casamento com Rose, com quem Carlos e Vera tinham uma linda e sólida amizade. E assim, somados aos amigos, ele celebrava a vida, de preferência, fazendo "aquele" churrasquinho. Estar com os seus era o que Carlão mais gostava de fazer. E que orgulho ele tinha da família grande e unida que construiu.

Não só pelos momentos de comemorações que será lembrado. Ao agradecer por tudo o que o pai representou em sua vida, a filha Tatiana revela o coração mole de Carlos: “Obrigada por tudo o que você me ensinou, por todas as suas broncas, seus conselhos, por cada lágrima que deixava cair vibrando pelas nossas conquistas”. Ser levada ao altar por seu amado paizinho no dia de seu casamento está entre as lembranças mais felizes de Tati e de todos os que testemunharam o momento. Já Marcelo encontra paz nas lembranças construídas pelo pai ao cumprir com louvor a sua missão na Terra. “Traz conforto saber que você só está vivendo em outro plano, com esse espírito do bem, justo que sempre foi. Sou grato por tudo o que construiu e sei que um dia nos encontraremos novamente”, reflete o filho.

.....

Não é à toa que o tamanho do coração e a alegria de viver desse carioca são exaltados por todos aqueles com quem Carlão convivia. No comércio da rua, era um rosto conhecido e passava cumprimentando as pessoas pelo nome. Também era muito benquisto pelos companheiros de pescaria, do clube de moto Águia de Ouro, dos amigos que fez numa vida inteira de trabalho no Banco Central e ainda pelos que se reuniam para ver o jogo do Fluzão. Apesar de se despedir tão cedo, se dedicou a amar e curtiu muito a vida com os seus. E é por isso que a Tati e o Marcelo, ao caminhar pelas ruas do Rio, podem dizer com todo orgulho do mundo: “Sim, eu sou filho do Carlão”. Carlos nasceu em Niterói (RJ) e faleceu no Rio de Janeiro (RJ), aos 68 anos, vítima do novo coronavírus. (INUMERÁVEIS, 2020, online)

A tabela 4, abaixo, enumera as estratégias identificadas nesse último caso.

**Tabela 4 - Estratégias de objetivação e de subjetivação, texto #3**

<b>Tipos de objetivação</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Exemplo</b>
Citação em aspas	4	“Não havia como encontrá-lo sem abraçá-lo e beijá-lo”, lembra a enteada Julia Espindola.
Estatísticas e didatismo	1	Carlos nasceu em Niterói (RJ) e faleceu no Rio de Janeiro (RJ), aos 68 anos, vítima do novo coronavírus.
Instituições citadas	0	
<b>Tipos de subjetivação</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Exemplo</b>
Descrição de cenas, ambientes e personagens	2	Ser levada ao altar por seu amado paizinho no dia de seu casamento está entre as lembranças mais felizes de Tati e de todos os que testemunharam o momento.
Ênfase e intensidade	4	E aí, como agregar pessoas era um dom incrível de seu padrasto, a família foi só aumentando.
Verbos e expressões de sentimento	8	Ser levada ao altar por seu amado paizinho no dia de seu casamento está entre as lembranças mais felizes de Tati e de todos os que testemunharam o momento.

O texto, em relação aos outros, apresenta mais elementos de objetivação, com quatro citações em aspas. Além delas, apenas a definição de onde o personagem nasceu e onde morreu, e sua idade, compõem os itens que oferecem dados verificáveis sobre quem foi Carlos. Os elementos de subjetivação aparecem em número bem superior.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos de “Inumeráveis” analisados apresentaram um padrão narrativo coeso, sem grandes variações. Em relação às estratégias de objetivação, destaca-se o uso de

*citações em aspas* em número pequeno – o que chama a atenção, uma vez que é dos recursos mais comuns em textos jornalísticos.

Outras categorias de objetivação que apareceram nos textos foram *estatísticas* e *didatismo*. A presença constante, no entanto, decorre da escolha por registrar sempre, como era de se esperar, o local e a data de nascimento e de morte de cada vítima.

Se faltam elementos de objetivação, não faltam os de subjetivação nos textos. *Ênfase e intensidade* e *verbos de expressões de sentimentos* são os com maior frequência. Algumas características do projeto ajudam a entender o porquê disso. Os relatos são, a princípio, enviados por familiares ou amigos da vítima, e só depois revisados e adaptados por alguém da equipe do projeto. Dessa forma, é natural que os relatos venham carregados de elementos subjetivantes decorrentes da visão de quem o envia.

Essas características são mantidas nos textos mesmo após o processo de edição, o que indica uma clara escolha editorial pela subjetivação. Os efeitos dessa escolha narrativa acabam por criar textos que fogem às características do jornalismo tradicional.

A consequência mais clara é que esses textos conseguem atingir o que o projeto se propõe, humanizar os relatos sobre as vítimas da pandemia do novo coronavírus, por meio do investimento intensivo em recursos subjetivantes.

Aspecto negativo é falta de padronização do tamanho dos textos, o que pode dar a ideia de que determinados personagens são mais importantes do que outros. Há que se lembrar, porém, que o projeto trabalha com a matéria-prima dos relatos fornecidos por terceiros, e que mesmo contando com equipe numerosa de voluntários, o volume de obituários exigiria dedicação integral de qualquer equipe para que um padrão fosse mantido em seu conjunto.

De todo modo, certamente os relatos de Inumeráveis merecem ser estudados mais profundamente e discutidos no sentido de compreender de que maneira essas novas iniciativas podem contribuir para enriquecer o repertório de narrativas sobre tragédias como a atual e como essas estratégias podem (ou não) ser incorporadas pela mídia profissional.

## Referências

APPEL, Camila. **Projeto 'Inumeráveis' cria memorial de vítimas da Covid-19 no Brasil**. Folha de S.Paulo. 7. Mai 2020.

BBC. **Cloroquina**: estudo brasileiro 'padrão ouro' reforça evidências mundiais de que medicamento é ineficaz, dizem autores. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-53522399>. Acesso em: 25 jul. 2020.

CANAVILHAS, João (org.). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covi-lhã: Livros LabCom, 2014.

DE TROI, Marcelo; QUINTILIO, Wagner. **Coronavírus**: lições anti-negacionistas e o futuro do planeta. Disponível em [blog.scielo.org/blog/2020/03/31/coronavirus-licoes-anti-negacionistas-e-o-futuro-do-planeta](http://blog.scielo.org/blog/2020/03/31/coronavirus-licoes-anti-negacionistas-e-o-futuro-do-planeta). Acesso em: 20 jul. 2020.

ESSENFELDER, Renato. **Hibridismos narrativos**: recursos literários na grande reportagem contemporânea. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 37-54, set./dez. 2017.

FOLHA DE S. PAULO. **Aqueles que perdemos**: Histórias de vítimas do novo coronavírus. Disponível em: <https://arte.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2020/historias-das-vitimas-do-novo-coronavirus/>. Acesso em: 15 jul. 2020.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. L&PM, 2015.

IAQUINTO, Kalinka. **Desinformação como estratégia de governo intensifica crise de COVID-19 no Brasil**. In: IJNET, Rede de Jornalistas Internacionais. Disponível em <https://ijnet.org/pt-br/story/desinforma%C3%A7%C3%A3o-como-estrat%C3%A9gia-de-governo-intensifica-crise-de-covid-19-no-brasil>. Acesso em 21 jul. 2020.

IJUIM, Jorge Kanehide; SARDINHA, Antonio Carlos. **Algumas meias verdades sobre a narrativa jornalística... e a busca por um jornalismo humanizado**. In: *Comunicação & Sociedade*, 2009. P. 155-176.

JOHNS HOPKINS. **Coronavirus Research Center**. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>. Acesso em 26 jul. 2020.

JORNAL NACIONAL. **Íntegra** de 20 jun. 2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8641367/>. Acesso em 20 jul. 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde sem Fake News**. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/component/tags/tag/novo-coronavirus-fake-news?>. Acesso em: 27.jul.2020.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007. p.143-167.

NATURE. **Virology:** Coronaviruses. Nature 220, 650 (1968). Disponível em: <https://doi.org/10.1038>. Acesso em: 24 jul. 2020.

O GLOBO. **Da 'gripezinha' ao 'e daí?', confira as reações de Bolsonaro enquanto aumentavam as mortes pela pandemia no Brasil.** Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/dagripezinha-ao-dai-confira-as-reacoes-de-bolsonaro-enquanto-aumentavam-as-mortes-pela-pandemia-no-brasil-24402593>. Acesso em: 25 jul. 2020.

PÚBLICA. **Jornalistas arriscam a vida na crise do coronavírus em meio a demissões, cortes de salário e agressões do presidente.** Disponível em: <https://apublica.org/2020/05/jornalistas-arriscam-a-vida-na-crise-do-coronavirus-em-meio-a-demissoes-cortes-de-salario-e-agressoes-do-presidente/>. Acesso em 25 jul. 2020.

THE GUARDIAN. **The Guardian view on Covid-19 and cults of strength: the weakest response.** Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/may/28/the-guardian-view-on-covid-19-and-cults-of-strength-the-weakest-response>. Acesso em: 25 jul. 2020.

YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 4ªed. Porto Alegre: Bookman, 2010.